

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

**RAIANE SILVA SOUZA**

**RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NA AFASIA: ESTRATÉGIAS DE UM  
SUJEITO AFÁSICO PARA SE MANTER NA INTERAÇÃO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2016**

**RAIANE SILVA SOUZA**

**RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NA AFASIA: ESTRATÉGIAS DE UM  
SUJEITO AFÁSICO PARA SE MANTER NA INTERAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2016**

Souza, Raiane Silva.

S718r

Reconstrução da linguagem na afasia: estratégias de um sujeito afásico para se manter na interação / Raiane Silva Souza; orientadora: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. – Vitória da Conquista, 2016.  
60f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2016.

Referências: f. 51 - 53.

1. Afasia. 2. Afásicos – Linguagem. 3. Oralidade – Estratégias linguísticas. 4. Neurolinguística. I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 410

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843  
UESB – Campus Vitória da Conquista-BA

**Título em inglês:** Reconstruction of language in aphasia: strategies of an aphasic to keep the interaction

**Palavras-chave em inglês:** Aphasia. Neurolinguistics. Orality.

**Área de Concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Orientadora), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

**Data da defesa:** 24 de fevereiro de 2016.

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

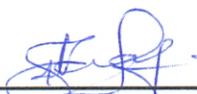
RAIANE SILVA SOUZA

**RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NA AFASIA: ESTRATÉGIAS DE UM  
SUJEITO AFÁSICO PARA SE MANTER NA INTERAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de fevereiro de 2016.

**Banca Examinadora:**



---

Prof. Dra. Nirvana Ferráz Santos Sampaio (UESB)  
(Orientadora)



---

Prof. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB)



---

Prof. Dra. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAMP)

Este trabalho é dedicado  
aos meus pais que sempre  
me deram apoio e incentivo,  
permitindo, assim,  
a sua realização.

## AGRADECIMENTOS

À professora Nirvana, pela compreensão, paciência e orientações sem as quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À professora Carla, pela participação no Exame de Qualificação desta Dissertação, que me possibilitou ter outros olhares e por aceitar o convite de participar da Banca.

Ao professor Jorge Augusto, pela dedicação no Exame de Qualificação.

À professora Nadia, por aceitar o convite de integrar a Banca.

Ao senhor NS, pelo aprendizado que me proporcionou.

Aos meus pais, Aguinalda e Arenilton, pelo amor e pelos cuidados em todos os momentos.

Aos colegas do Mestrado, pelas conversas.

Aos colegas do LAPEN, pela amizade e ajuda mútua.

À FAPESB, pela concessão da bolsa.

A Deus, por me permitir vivenciar todas as experiências.

*“Só as palavras não foram  
castigadas pela ordem  
natural das coisas.  
As palavras continuam  
com seus deslimites”*

*Manoel de Barros*

## RESUMO

A partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva, objetivamos investigar o funcionamento de linguagem de um sujeito afásico, as estratégias utilizadas para se manter na interação, assim como demonstrar que em sua linguagem há expressão de subjetividade quando inserido em práticas discursivas. Partindo da proposição de que é através das relações sociais que o sujeito afásico reconstrói a sua linguagem, formulamos as seguintes perguntas que norteiam este trabalho: (i) quais são as estratégias linguísticas utilizadas pelo sujeito afásico para driblar sua dificuldade de enunciação? e (ii) qual o papel de uma intervenção discursivamente orientada no processo de reconstrução da linguagem? Os dados foram coletados a partir de um acompanhamento longitudinal realizado no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A análise do *corpus* nos permitiu constatar que, apesar das dificuldades linguísticas decorrentes da afasia, o sujeito utiliza recursos linguísticos tais como os procedimentos de formulação textual como um caminho para reconstruir a linguagem através de associações, retomadas da fala do interlocutor e formulações/reformulações que evidenciam a ação reflexiva do sujeito afásico quando inserido em práticas sociais de uso da linguagem.

## PALAVRAS-CHAVE

Afasia. Neurolinguística. Oralidade.

## ABSTRACT

From the postulates of discursive neurolinguistics, we aim at investigating the language functioning of an aphasic, the strategies used to keep the interaction as well as to demonstrate that there is expression of subjectivity in his language when inserted into discursive practices. Starting from the proposition it is through the social relations that aphasic reconstructs their language, we formulated the following questions to guide this work: (i) what are the linguistic strategies used by the aphasic to circumvent his difficulty of enunciation? And (ii) what is the role of a discursively oriented intervention in the language rebuilding process? *Data* were collected from a longitudinal accompaniment held at living space between aphasic and non aphasic (ECOA) at the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). The corpus analysis helped us to confirm that, despite language difficulties arising from aphasia, the aphasic uses linguistic features such as textual formulation procedures as a way to rebuild the language through associations, resumption of speech from the other and formulations / reformulations that show the reflexive action of aphasic when inserted into social practices of language use.

## KEYWORDS

Aphasia. Neurolinguistics. Orality.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Esquema da unidade funcional (FREUD,1973 [1891]) .....	19
Figura 2 – Unidades funcionais .....	21

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Dado - 07/11/2014 .....	36
Quadro 2 – Dado -21/11/2014 .....	37
Quadro 3 – Dado -05-12-2014.....	38
Quadro 4 – Dado - 20/03/2015 .....	40
Quadro 5 - Dado - 17-04-2015.....	41
Quadro 6 – Dado - 21/07/2015 .....	43
Quadro 7 – Dado - 21/07/2015 .....	44
Quadro 8 – Dado - 25-09-2015 .....	45
Quadro 9 – Dado - 02/10/2015 .....	46
Quadro 10 – Dado - 03/11/2015 .....	47

**LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

AVC - Acidente Vascular Cerebral

AVCi - Acidente Vascular Cerebral Isquêmico

BDN - Banco de Dados em Neurolinguística

CCA - Centro de Convivência de Afásicos

CeCIN - Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística

EOA - Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos

GPEN - Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística

LAPEN - Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística

ND – Neurolinguística Discursiva

NURC – Projeto Norma Culta Urbana

PPGLin - Programa de Pós-Graduação em Linguística

SNC- Sistema Nervoso Central

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Os estudos afasiológicos e a neurolinguística .....</b>	<b>16</b>
1.1.1 Freud e o estudo das afasias.....	18
1.1.2 Funcionamento cerebral na perspectiva de Luria .....	20
1.1.3 A classificação das afasias de Jakobson .....	22
1.1.4 Pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva .....	24
1.1.5 Perspectiva sócio histórica de Vygotsky.....	26
<b>1.2 Procedimentos de formulação textual na conversação.....</b>	<b>27</b>
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 O ECOA.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 O sujeito .....</b>	<b>32</b>
<b>2.3 O conceito de dado-achado .....</b>	<b>33</b>
<b>2.4 O acompanhamento longitudinal .....</b>	<b>34</b>
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>36</b>
<b>3.1 Análise e discussão dos dados .....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO A – Modelo de Registro de Transcrição .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa que apresentamos nesta dissertação foi analisar as estratégias utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação, ou seja, a reorganização da sua fala quando inserido em práticas sociais de uso da linguagem. Para tanto, partimos dos postulados da Neurolinguística Discursiva (doravante ND), expostos por Coudry (1988, 2008, 2010, 2012 entre outros). A ND parte de uma perspectiva discursiva que toma a interlocução como ponto de partida para a prática clínica e análise de dados de linguagem.

A ND adota uma concepção abrangente de linguagem baseada em Franchi (1977) que toma a linguagem como *trabalho*, atividade constitutiva que é histórica, social e culturalmente construída. Franchi (1977) chama atenção para a indeterminação da linguagem, resultado da elaboração histórica, do contexto e das analogias.

No que diz respeito ao conceito de afasia, tomamos a definição de Coudry (1988) que a define como uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto interpretativo quanto produtivo, causada por lesão estrutural do sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou tumores.

A partir de um acompanhamento longitudinal, apresentamos um estudo de caso com o sujeito afásico NS, 74 anos, que teve sua linguagem modificada após um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi<sup>1</sup>) em dezembro de 2013. Desde então, ele apresenta dificuldades de escrita e de evocar palavras durante a enunciação, lê em voz alta realizando pausas durante a leitura e sua compreensão está inalterada. Em decorrência de sua dificuldade de encontrar palavras, na sua fala há uma alta ocorrência de repetições do que foi dito pelo interlocutor na tentativa de formular seu discurso. Nossa proposta é investigar as repetições, as correções e as hesitações como procedimentos de formulação textual que evidenciam uma alternativa e um caminho encontrado por NS para driblar suas dificuldades com a linguagem.

Em razão de estudarmos os procedimentos de formulação/reformulação textual com foco na oralidade, elencamos como referencial teórico os estudos textuais-interativos e conversacionais (MARCUSCHI, 2003; KOCK, 2002; FÁVERO et al, 1999 entre outros) que

---

<sup>1</sup> De acordo com Rolim e Martins (2011), o acidente vascular cerebral (AVC) é definido como uma síndrome que consiste no desenvolvimento rápido de distúrbios clínicos focais da função cerebral de origem vascular. O AVC é classificado em dois grandes grupos: AVC isquêmico (AVCi) e o AVC hemorrágico. O mais frequente é o AVCi, que se caracteriza pela interrupção do fluxo sanguíneo (obstrução arterial por trombos ou êmbolos) em uma determinada área do encéfalo.

aliados aos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva fundamentam nossa análise do funcionamento de linguagem na afasia.

Considerando que a afasia afeta o funcionamento da linguagem, e partindo da proposição de que é através das relações sociais que o sujeito afásico reconstrói a sua linguagem, perguntamos: (i) Quais são as estratégias linguísticas utilizadas pelo sujeito afásico para “driblar” sua dificuldade de enunciação? (ii) Qual o papel de uma intervenção discursivamente orientada no processo de reconstrução da linguagem?

As hipóteses que norteiam essa pesquisa consistem em: (i) os procedimentos de formulação/reformulação textual se constituem como estratégias linguísticas a fim de garantir a intercompreensão e, ao mesmo tempo, evidenciam que a afasia não impossibilitou o sujeito de refletir sobre sua própria linguagem. (ii) Devido à plasticidade cerebral<sup>2</sup>, o envolvimento do sujeito em práticas sociais de uso da linguagem viabiliza a formação de *rearranjos funcionais* que possibilitam a reconstrução da linguagem e a reinserção social.

Este trabalho se justifica na medida em buscamos contribuir com a investigação de recursos e alternativas de intervenção para lidar com as alterações de linguagem decorrentes de lesão cerebral. Os acompanhamentos longitudinais com a utilização de atividades significativas para o sujeito possibilitam a mobilização de diferentes estratégias de reconstituição da linguagem e permitem o compartilhamento de experiências que se mostram importantes para o processo de reinserção social de sujeitos afásicos.

O objetivo principal consiste, dessa forma, em analisar as estratégias utilizadas por um sujeito afásico para reconstruir sua linguagem quando inserido em práticas discursivas a partir de um acompanhamento longitudinal. Os objetivos específicos consistem em: (i) Descrever as estratégias de linguagem do sujeito afásico à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva. (ii) Analisar o papel dos procedimentos de formulação textual presentes na oralidade do afásico. (iii) Constatar o papel exercido pelo investigador e suas intervenções no processo de reinserção social de um sujeito após o acometimento de lesão cerebral.

Com relação à organização das seções desta dissertação, no capítulo 1, apresentamos a fundamentação teórica que consiste em uma breve retomada dos estudos afasiológicos e o seu lugar na Neurolinguística, bem como uma descrição dos pressupostos teórico-metodológicos

---

<sup>2</sup> De acordo com Annunziato (1995), durante muito tempo persistiu a ideia de que o Sistema Nervoso, após uma lesão, não seria capaz de modificar-se ou recuperar-se. Entretanto, por meio de modernas técnicas de imagens, atualmente, é possível observar fenômenos plástico-regenerativos, envolvendo “neurônios intactos do sistema funcional afetado ou mesmo neurônios de outros sistemas” (ANNUNZIATO, 1995: 72), mecanismos que ocorrem com a função de diminuir os efeitos das lesões.

da Neurolinguística Discursiva e da noção de plasticidade cerebral decorrente das teorizações de Freud, Luria e Vygotsky. Trataremos, ainda, sobre o estudo linguístico das afasias a partir de Jakobson; os conceitos de percepção, associação e aparelho de linguagem delimitados por Freud; a abordagem neuropsicológica do funcionamento cerebral e a classificação das afasias de acordo com Luria. E, por último, pretendemos caracterizar a correção, a repetição e as hesitações à luz das teorias conversacionais e textuais-interativas.

No capítulo 2, trataremos sobre a metodologia da pesquisa, a natureza do *corpus* e o processo de coleta de dados realizado no ECOA/LAPEN/UESB, assim como as informações sobre o sujeito afásico NS.

No capítulo 3, abordaremos sobre as análises dos dados coletados durante o acompanhamento longitudinal, bem como as reflexões que deles desencadeiam.

As considerações finais estão destinadas a demonstrar a discussão dos resultados obtidos a partir da articulação entre os dados e as teorias aqui explicitadas.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Os estudos afasiológicos e a neurolinguística

São muitas as definições de Neurolinguística encontradas em diversos campos da literatura. Para Caplan (1987), a Neurolinguística é um campo da ciência que estuda a relação entre cérebro e linguagem, em especial investiga as patologias de linguagem relacionando com as estruturas do cérebro. Morato (2001) ressalta que embora pareça óbvio que a Neurolinguística evoca área das Neurociências e a área da linguística para servir de arcabouço teórico, o grau de complexidade dos processos que constituem a linguagem e cérebro não permite esta afirmação.

Segundo Luria (1974), desde um passado bem distante encontramos estudos que examinavam processos mentais complexos como uma função de áreas cerebrais locais, doutrina que ficou conhecida como “Frenologia”. No século XIX, o anatomista Gall descreve que “faculdades” humanas estão localizadas em estritas áreas cerebrais. O desenvolvimento dessas áreas provocava proeminências no crânio que eram passíveis de observação e determinavam diferenças individuais nas faculdades humanas. De acordo com Morato (2001), a Afasiologia surge a partir da descrição, feita por médicos patologistas, das alterações de linguagem em virtude de lesões cerebrais, ramo inicialmente definido como o campo de estudo que relaciona a linguagem a específicas áreas do cérebro. A Neurolinguística tem sua origem vinda da colaboração entre os estudos das áreas médicas e da ciência linguística.

Em 1861, o anatomista Paul Broca examinou o cérebro de um paciente com um distúrbio de fala motora e concluiu que o terço posterior do giro frontal inferior esquerdo estava destruído. Mais tarde, ele postula que uma lesão dessa região leva a perda da fala expressiva, da linguagem articulada que ele nomeou como “afemia” e depois “afasia”, segundo Luria (1974, p. 6), a partir daí, descobriu-se a diferença entre as funções dos hemisférios cerebrais esquerdos e direito e a dominância do esquerdo com relação às funções superiores de fala.

Treze anos depois, o psiquiatra alemão Carl Wernicke descreve um distúrbio de linguagem que se opõe à afasia de Broca. Para ele, uma lesão na primeira circunvolução temporal esquerda, provoca a perda da compreensão da linguagem com a manutenção da capacidade de utilizar a linguagem articulada. De acordo com Freud (2014/1891), Wernicke concebia o processo fisiológico da linguagem como um reflexo:

Pela via do nervo auditivo, os sons da fala chegam a um ponto do lobo temporal, o centro sensorial da linguagem, a partir do qual a excitação é transferida para a área de Broca no lobo frontal, o centro motor, que envia o impulso da linguagem articulada para a periferia. Wernicke então teve uma ideia bastante determinada sobre a forma como os sons da linguagem estão contidos no centro, ideia que tem significado fundamental para toda a teoria da localização. (FREUD, 2014/1891, p. 17).

No século XIX, o neurologista Hughlings Jackson (1878), em contrapartida à Broca e seus seguidores, criticou a ideia dos centros de fala, propondo que as funções mentais superiores deveriam ser estudadas não a partir de sua localização, mas pela integração de diversas habilidades básicas em uma mais elevada, ou seja, em níveis de construção. Décadas mais tarde, essa hipótese apareceu nos trabalhos dos neurologistas Monakow (1914), Head (1926) e Goldstein (1927; 1944; 1948).

Esses autores chamaram atenção, muito acertadamente, para o caráter complexo da atividade mental humana. Eles tentaram identificar os aspectos específicos da referida atividade no caráter semântico do comportamento (Monakow) ou no ‘arranjo abstrato’ e no ‘comportamento categórico’ (Goldstein), e foram forçados a exprimir as suas dúvidas a respeito da possibilidade de estarem essas ‘funções’, à semelhança de funções elementares dos tecidos cerebrais, representadas em áreas circunscritas do cérebro. Postularam, portanto, que fenômenos complexos de ‘semântica’ ou ‘comportamento categórico’ são o resultado da atividade de todo o cérebro, em vez de serem o produto do funcionamento de áreas locais do córtex cerebral (LURIA, 1974, p. 11).

De acordo com Oliveira, Salina e Annunziato (2001), o Sistema Nervoso Central (doravante SNC) possui uma rede neural complexa que realiza milhares de conexões que determinam a sensibilidade e ações motoras. A plasticidade cerebral é um fenômeno caracterizado pela capacidade do SNC de modificar algumas de suas propriedades morfológicas e funcionais em resposta às alterações ambientais. Thompson (2000), em seu artigo, discute a questão da plasticidade do cérebro evidenciada a partir das afasias, dando ênfase ao fenômeno da *adaptação de áreas homólogas* ou *mudança de lateralidade* como umas das formas de neuroplasticidade responsáveis pelo desenvolvimento e recuperação das áreas neurais, ou seja, quando parte do hemisfério esquerdo é danificado por lesões cerebrais, porções do hemisfério direito e partes não danificadas do hemisfério esquerdo são recrutadas para realizar funções da linguagem. A autora discute, ainda, acerca dos fatores que podem estar relacionados ao processo de neuroplasticidade.

There are several factors that may influence the course of language recovery in aphasia [...]. One set of factors relates to neurophysiological processes that are at work during spontaneous recovery and thereafter. These organism-internal factors include processes occurring at the neural level such as regeneration and sprouting, changes in neurotransmitter release, and so forth. Another set of factors are subject variables, that is, organism-specific factors. These include variables such as site and extent of lesion, age, education, gender, as well as motivation and other related factors. (THOMPSON, 2000, p. 3).<sup>3</sup>

A seguir, apresentaremos a inovadora concepção de aparelho de linguagem formulada por Freud, bem como sua crítica a visão localizacionista de distúrbios de linguagem vigentes até então.

### 1.1.1 Freud e o estudo das afasias

O livro de Sigmund Freud *A afasia*, de 1891, faz parte de sua obra neurológica, embora seja geralmente tido como uma ponte entre a psicanálise e a neurologia, uma obra pré-psicanalítica.

Freud se propõe a refutar a teoria das localizações cerebrais realizando um estudo crítico das teorias neurológicas, em particular as hipóteses de Wernicke, cuja proposta consistia em defender que funções mentais superiores, como a linguagem, estavam anatomicamente determinadas.

Freud conceitua o aparelho de linguagem como uma região contínua equipada para associações, trazendo assim, um novo conceito para a noção de *representação*. Os processos psíquicos e fisiológicos não possuem uma relação de causa e efeito e nem um termina onde o outro começa, cada membro da cadeia fisiológica é correlato a um fenômeno psíquico, portanto são processos paralelos. O correlato fisiológico de uma ideia não é algo estático, mas sim um *processo* que parte de um ponto do córtex e se expande até se completar deixando modificações no córtex cerebral como possibilidade de lembranças quando esse mesmo estado do córtex for estimulado posteriormente. Portanto, para Freud, não se pode diferenciar percepção e associação que são duas palavras que designam o mesmo processo, apesar de serem dissociadas em termos conceituais. Elas fazem parte de um mesmo fenômeno que

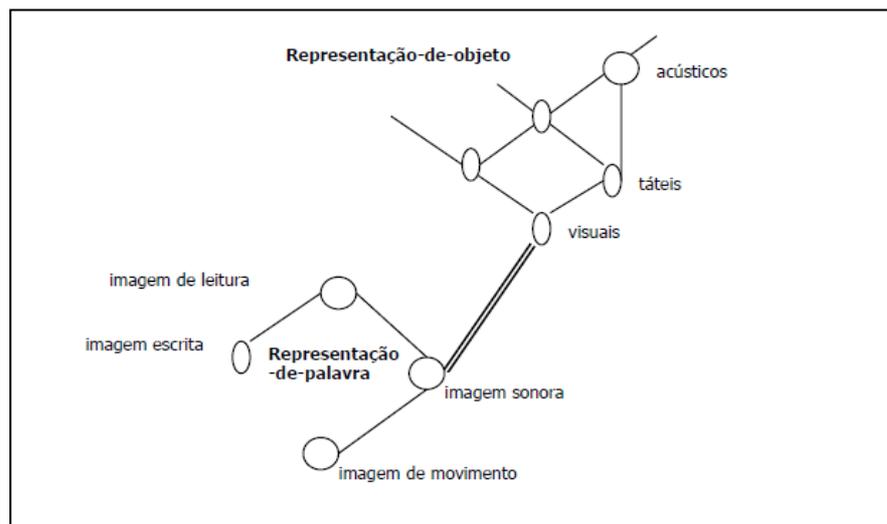
---

<sup>3</sup> Há diversos fatores que podem influenciar o curso da recuperação de linguagem na afasia [...]. Um conjunto de fatores refere-se aos processos neurofisiológicos que estão em ação durante a recuperação espontânea e posterior a ela. Esses fatores internos do organismo incluem processos que ocorrem no nível neural, tais como regeneração e brotamento, mudanças na liberação de neurotransmissores, e assim por diante. Outros conjuntos de fatores estão sujeitos às mudanças, a saber, fatores específicos do organismo. Estes incluem variáveis como o local e a extensão da lesão, idade, escolaridade, sexo, bem como a motivação e outros elementos relacionados (THOMPSON, 2000, p. 3, tradução nossa).

inicia em um ponto do córtex e se distribui por todo ele. A partir dessa noção de funcionamento do aparelho de linguagem, a ideia de centros e vias condutoras da linguagem deixa de existir.

Para ele, a unidade da função da linguagem é a palavra, uma representação complexa constituída por componentes acústicos, visuais e cinestésicos. No aprendizado da escrita, por exemplo, esses centros assumem suas funções em diferentes momentos e de forma hierárquica (primeiro o acústico-sensorial, depois o motor, então o visual e por último o gráfico), enquanto que em casos patológicos de distúrbio de linguagem o primeiro centro a ser utilizado é o que se conservou mais apto. Já, o sentido de uma palavra é determinado pela junção da representação-de-palavra e representação-de-objeto (como mostra a ilustração abaixo).

**Figura 1** – Esquema da unidade funcional (FREUD,1973 [1891])



Esquema psicológico da representação-palavra.

A representação-palavra aparece como um complexo representativo fechado; a representação-objeto, por sua vez, como um aberto. A representação-palavra não está ligada à representação-objeto a partir de todos os seus componentes, mas apenas a partir da imagem acústica. Entre as associações de objetos, são as visuais que representam o objeto de forma semelhante à forma como a imagem acústica representa a palavra. As ligações da imagem acústica da palavra com outras associações de objetos que não as visuais não estão aqui indicadas.

Para Freud (1891, 1973), a palavra adquire sua significação a partir da associação com a representação-objeto, ao menos com relação aos substantivos. O território da linguagem é visto de forma integral não podendo ser fragmentado em centros.

Wernicke, a partir de Meynert postula que centros de linguagem em funcionamento são ligados por fibras brancas e *lacunas funcionais*. Esses centros são pontos no córtex cerebral em que estariam reunidas as *imagens acústicas da palavra* em um local e as *imagens*

*do movimento da palavra* em outro, sendo que entre essas duas representações haveria uma *região desocupada*. Freud rejeita essa ideia de espaços sem funções propondo que o aparelho de linguagem é composto por uma “região cortical contínua que compreende o espaço entre as terminações dos nervos óptico e acústico, das regiões dos nervos cranianos e alguns nervos periféricos no hemisfério esquerdo” (COUDRY; FREIRE; GOMES, 2006).

Essa visão de cérebro funcionando como um sistema dinâmico é compatível com os postulados de Luria acerca do funcionamento cerebral e afasia. A seguir, evidenciaremos o pensamento desse autor.

### 1.1.2 Funcionamento cerebral na perspectiva de Luria

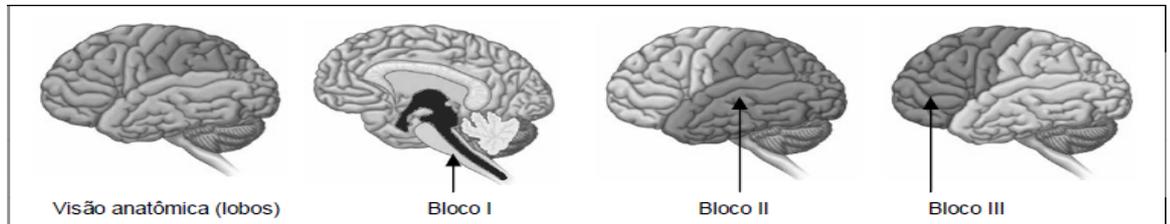
O neuropsicólogo russo Aleksandr Romanovich Luria, falecido em 1978, dedicou-se à investigação do funcionamento do sistema nervoso central. Influenciado pelos trabalhos de Pavlov e Vygotsky, adotou uma visão de cérebro funcionando como um todo em contrapartida às teorias localizacionistas. De acordo com Kagan e Saling (1997, p. 19) a abordagem de Luria consiste em “[...] uma tentativa de resolver o conflito entre a visão mecanicista da localização cerebral, que recebeu ímpeto através do trabalho de Broca (1861), e a visão integral ou holística (Flourens, 1824; Lashey, 1929)”.

Para Luria, os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos que não estão localizados em estreitas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio de estruturas cerebrais funcionando em concerto. Esse funcionamento integrado do sistema nervoso permite que um indivíduo acometido de lesão cerebral reorganize as funções comprometidas através de rearranjos neurofuncionais, fenômeno conhecido como *plasticidade cerebral*. Para que essa capacidade de remodelação do cérebro ocorra é imprescindível a interação. As experiências do sujeito com o outro e com o meio permitem que certas regiões cerebrais substituam as funções de regiões afetadas por lesões cerebrais.

Luria distingue três unidades funcionais cerebrais que são descritas como uma unidade para regular o tono ou a vigília (unidade I), uma unidade para obter, processar e armazenar informações (unidade II) e uma unidade para programar, regular e verificar a atividade mental (unidade III). Embora cada uma tenha sua função particular, Luria salienta que a cognição depende do funcionamento de todas as unidades em conjunto. Cada unidade é subdividida em uma estrutura hierarquizada com pelo menos três zonas corticais. A zona primária (de projeção) que recebe ou envia impulsos para a periferia, a zona secundária (de projeção –

associação) que processa informações que entram e a zona terciária (zona de superposição) que é responsável pela participação integrativa de muitas áreas.

**Figura 2 – Unidades funcionais**



Fonte: Ilustração adaptada por Andrade, (2010, p.5)

Outra posição teórica de Luria (1979) importante para este trabalho é a que diz respeito à organização das palavras e suas estruturas semânticas. Para o autor, a linguagem exerce uma função mediadora dos processos cognitivos superiores, atribuindo à palavra o papel de elemento fundamental da linguagem. “A palavra designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência” (LURIA, 1979, p. 27). Ele afirma ainda que a principal função da palavra é o seu papel designativo que permite ao homem falar de objetos e ações mesmo na ausência destes.

Para Luria, as palavras são organizadas em campos semânticos, elas não são apenas rótulos que designam objetos, mas são multissignificativas e polissêmicas. Isso implica que

o fenômeno da multissignificação das palavras é muito mais amplo do que possa parecer e que a ‘referência objetiva’ exata ou o ‘significado parecido’ é, na essência, a escolha do significado necessário entre uma série de possibilidades. Mais frequentemente, a particularização do significado da palavra ou sua escolha se realizam por ‘marcadores semânticos’ e ‘distintivos semânticos’ que tornam preciso o significado da palavra, diferenciando-o de outros possíveis significados. Habitualmente esta função está determinada pela *situação*, pelo *contexto* nos quais a palavra está e, às vezes, pelo *tom* em que se pronuncia (LURIA, 1979, p. 34).

A escolha da significação de uma palavra está estreitamente ligada a fatores contextuais, além disso, o fenômeno da multissignificação das palavras também está atrelado ao significado “associativo”. Uma palavra não indica apenas um determinado objeto, mas também promove o surgimento de uma série de enlaces compostos por elementos de palavras parecidas, por exemplo, a palavra “jardim” pode evocar involuntariamente as palavras “árvores”, “flores”, “banco”, “encontro”, etc (LURIA, 1987).

As teorizações de Luria acerca da organização das palavras também nos fornecem pistas para o acompanhamento e trabalho de linguagem com sujeitos cérebro-lesados, em

especial nos casos de afásicos com dificuldades de evocação como veremos nos dados presentes neste trabalho. O estudo das afasias se constituía um campo investigado por neurologistas e neuropsicólogos como Freud, Luria, entre outros, até o trabalho de Jakobson em 1954 que inaugurou a entrada da Linguística no campo de pesquisa sobre afasias, como veremos a seguir.

### 1.1.3 A classificação das afasias de Jakobson

O primeiro estudioso a inserir na Linguística os estudos sobre a afasia foi Jakobson (1954) com seu texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. A partir da observação dos distúrbios da fala, Jakobson (1954) difere as afasias de substituição e associação com base em conceitos puramente linguísticos e a partir dos estudos de Saussure (1916).

Para Saussure (1916) há dois eixos de organização da linguagem, são eles: o associativo (também chamado de paradigmático) e o sintagmático. As relações sintagmáticas baseiam-se na propriedade da linearidade, o caráter linear é o que permite que dois elementos não sejam pronunciados ao mesmo tempo. As combinações que se alinham no encadeamento da fala são chamadas de sintagmas que são compostas por unidades consecutivas. O caráter linear é o que impossibilita que dois elementos apareçam ao mesmo tempo, estabelecendo um contraste entre os termos precedentes e antecedentes. Quanto às relações associativas, Saussure afirma que as palavras se associam na memória formando grupos pela aproximação de termos com algo em comum, visto que um determinado elemento linguístico produz a associação a outros elementos. Nas palavras do autor,

uma palavra qualquer pode evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra. Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada (SAUSSURE, 1916, p. 146)

Jakobson (1954) afirma que toda unidade linguística funciona a partir da comparação com as unidades semelhantes e através do relacionamento com as unidades coexistentes, que a partir de Saussure (1916) correspondem aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. De acordo com a classificação das afasias de Jakobson (1954), o eixo paradigmático está relacionado à dificuldade do afásico em selecionar um determinado item linguístico dentre um conjunto de elementos, que também é chamado de polo metafórico. O eixo sintagmático está

relacionado com a dificuldade de combinar unidades linguísticas anteriormente selecionadas, também chamado eixo metonímico. Assim, o linguista evidencia o duplo caráter da linguagem afirmando que para falar precisamos selecionar determinados itens linguísticos e os combinar em unidades mais complexas. Desse modo, quando alguém fala, seleciona palavras e as combina em frases, sendo estas combinadas em enunciados. Assim, “todo signo linguístico implica dois modos de arranjo” (JAKOBSON, 1954, p. 39), que são eles: a combinação e a seleção. O autor ainda salienta que seleção e substituição constituem faces de uma mesma operação, assim como a combinação e contextura também são peculiaridades de um mesmo fenômeno.

Para o autor, a relação de similaridade serve de alicerce para a substituição, já a relação de contiguidade une os constituintes de um contexto. Quando a afasia resulta, predominante, na perda da capacidade de seleção, Jakobson a classifica como distúrbio da similaridade, sendo que, o afásico que apresenta dificuldades de seleção e substituição recorre ao eixo sintagmático, que está mais preservado, para reconstruir sua linguagem utilizando metonímias. A perda da capacidade de combinar itens linguísticos simples a outros mais complexos em que as regras sintáticas de organização são perdidas é chamada de distúrbio da contiguidade. É notável, também, nesse tipo de afasia a dificuldade de utilizar palavras funcionais. O afásico com dificuldade de combinação recorre às operações de seleção de natureza metafórica para enunciar, ou seja, ao eixo paradigmático.

Segundo Novaes-Pinto e Santana (2009), neurologistas e neuropsicólogos consideravam que a afasia era um “problema de língua”. Ao tomar como base uma perspectiva que estuda a linguagem em funcionamento, Jakobson rompe com a concepção anterior até então vigente. A Neurolinguística Discursiva rediscute a noção da divisão da classificação das afasias em dois grandes grupos, visto que seleção e combinação são fenômenos intimamente ligados.

As análises de episódios dialógicos têm revelado o que se entende ser a projeção de um eixo sobre o outro (Coudry, 2002), uma vez que uma unidade da língua (fonemas, morfemas, palavras, frases) só é selecionada no plano paradigmático em relação a um contexto sintagmático (o *morfema* é contexto para o *fonema*, a *palavra* para o *morfema*, a *frase* é contexto para a *palavra* e o *enunciado*, por sua vez, contexto para a *frase*) e, por outro lado, unidades da língua só são combinadas, sintagmaticamente, se operações de seleção forem realizadas. A ND, de certa forma, atualiza o modelo proposto por Jakobson e o expande, à luz dos conhecimentos advindos com o desenvolvimento da Linguística, sobre o funcionamento da linguagem, principalmente o que se deu a partir dos anos 70, com as teorias pragmáticas e discursivas (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009, p. 419).

O pensamento de Freud, Luria e Jakobson estão na base teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva que utilizamos como arcabouço teórico nesta dissertação, a seguir, apresentamos de forma mais detalhada essa abordagem, vejamos.

#### 1.1.4 Pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva

A Neurolinguística constitui-se uma área de estudos recente no Brasil. Ela aparece como disciplina em cursos de graduação e pós-graduação na década de 80 no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/ UNICAMP. A orientação discursiva e a incorporação da noção de linguagem em funcionamento nos estudos neurolinguísticos surgiu a partir da tese de doutorado “Diário de Narciso: Discurso e afasia” defendida por Maria Irma Hadler Coudry em 1986.

Em 1989 surge o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) com a proposta de acompanhamento em grupo de pessoas afásicas convivendo com não afásicas através de práticas discursivas, desenvolvido em convênio entre o Departamento de Linguística (DL) e o de Neurologia (DN). (Coudry, 2002).

Segundo Coudry (2008), a Neurolinguística Discursiva parte de uma concepção de linguagem em que aspectos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos estão entrelaçados no processo de produção de sentido. A ND toma como hipótese a indeterminação da linguagem formulada por Franchi (1977/1992), assim como assume, a partir desse autor, o conceito de trabalho e uma concepção de linguagem historicamente constituída.

Benveniste (1970) e Jakobson (1955/1970; 1956/1975) são autores-âncora na questão da (inter)subjetividade, dos níveis de funcionamento da linguagem, e da condição unipolar da linguagem na afasia. Luria (1981) e Freud (1891/1973) são tomados pela concepção de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente (Coudry, 2002) em que a linguagem está representada em todo o cérebro – e ambos trabalham/associam – e não localizada em suas partes/centros (COUDRY, 2008, p. 16).

São diversos os processos de significação que emergem no contexto de linguagem comprometida por lesões cerebrais, muitos deles são constituídos por sistemas não verbais como gestos, a ação de apontar, a recorrência a objetos, que aliados a linguagem verbal (fala e/ou escrita), ao interlocutor e ao contexto possibilitam a intercompreensão. Esses processos

são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua. Uns são previstos pelo sistema, outras são tidos como *não oficiais*, intermediários/gato<sup>4</sup> (COUDRY, 2008, p. 11). Essa perspectiva se contrapõe a uma avaliação de linguagem fundamentada em tarefas descontextualizadas, metalinguísticas e que trata como “erro” os recursos alternativos utilizados pelo afásico frente a sua dificuldade (COUDRY, 1988). A partir dessas posições teóricas, leva-se em consideração que todo sujeito é um ser de linguagem, o que defendemos é que, com base nos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, de acordo com Sampaio (2006) não se separa a língua (gem), a cultura e a sociedade.

Nessa perspectiva, então, se um grupo tem uma cultura partilhada, se as pessoas que dele participam têm nome nativo com o qual é identificado pelos membros, se no grupo há uma rede social para contato, se no grupo há folclore ou história comum, podemos dizer que esse grupo forma uma comunidade de fala (SAMPAIO, 2008, p. 76).

De acordo com a concepção de linguagem adotada por Coudry e Possenti (2010), sabe uma língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, ou seja, constitui pessoalmente enunciações e constitui-se através dela. Para essa perspectiva, não se pode dissociar a língua do sujeito que fala, já que a língua não é dada, ela é constituída pelos interlocutores. Numa concepção sócio histórica, a linguagem é tomada como lugar de interlocução, de interação. “Quando vista como atividade, como trabalho, a linguagem, ao mesmo tempo que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade, é também constantemente modificada pelo sujeito, que sobre ela atua” (COUDRY; ABAURRE, 2008, p. 173).

Novaes-Pinto e Santana (2009) salientam que desde a metade do século XX, a partir de Jakobson (1954), a Linguística vem se consolidando como uma área que contribui com a discussão sobre a semiologia das afasias, bem como para os fenômenos que relacionem a linguagem aos processos cognitivos. O caráter multidisciplinar da Neurolinguística permite que a complexidade dos fenômenos cognitivos sejam estudados por uma perspectiva que seja compatível com uma visão de cérebro híbrido e dinâmico (como na visão luriana) e uma concepção de linguagem como atividade constitutiva como é proposto pela ND.

---

<sup>4</sup> Coudry (2008) chama de *gato* “uma ligação não oficial que funciona como uma ponte entre um caminho impedido e outros que se abrem com novas possibilidades. O gato apresenta como solução para uma dificuldade, sendo da ordem do desconhecido os elementos que irão compor um novo arranjo, ou um rearranjo, para significar com outros recursos que não os oficiais, mas possíveis de serem compreendidos pelo interlocutor. Ressalta-se a não previsibilidade de como o gato é produzido e de que elementos participarão desse trabalho linguístico-cognitivo.

### 1.1.5 Perspectiva sócio histórica de Vygotsky

Aqui, pretendemos abordar o ponto de vista sócio histórico de funcionamento cerebral de Vygotsky, bem como ressaltar o papel da mediação no funcionamento de linguagem. As teorizações da Neurolinguística Discursiva acerca do funcionamento cerebral também são ancoradas nas formulações da teoria histórico-cultural de Vygotsky (1984). Para ele, a linguagem é um processo social e pessoal, sendo que a aquisição se dá através da interação e convívio com o ambiente. Ele toma o estudo da fala e pensamento prático sob um mesmo ponto de vista.

O poderoso instrumento da linguagem é trazido pelo que chama de internalização da ação e do diálogo. Vygotsky entende o processo de internalização como uma reconstrução interna de uma operação externa, mas, diferentemente de Piaget, para a internalização de uma operação deve concorrer a atividade mediada pelo outro, já que o sucesso da internalização vai depender da reação de outras pessoas. Assim é que, entre criança e ação com o mundo, existe a mediação através do outro (SCARPA, 2001, p. 210).

Com sua teoria histórico-cultural, Vygotsky posiciona-se contra as correntes de pensamento de sua época e insere a interação do sujeito com o mundo como fator fundamental. Para essa perspectiva, a linguagem tem um papel de destaque no processo de formação da consciência, sendo que a relação social do sujeito com o outro e com o meio é de fundamental importância para seu desenvolvimento.

Para Vygotsky, o desenvolvimento da linguagem é originado externa e socialmente a partir das trocas comunicativas, de modo que a mediação com o outro é fundamental para o processo de internalização. Esta visão de linguagem construída através do conhecimento de mundo mediado pelo outro fundamenta as atividades de intervenção desenvolvidas no ECOA, visto que possibilita a ação ativa do sujeito com a linguagem.

Nesse sentido, as intervenções são realizadas de forma que o pesquisador desempenhe o papel de mediador no processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico. Essa interação entre pesquisador e sujeito afásico em meio a práticas de linguagem discursivamente orientadas possibilita a emergência de estratégias de construção da conversação para “driblar” as dificuldades linguísticas decorrentes da lesão cerebral. A seguir, discutiremos acerca desses procedimentos de formulação do texto falado.

## 1.2 Procedimentos de formulação textual na conversação

A partir de Antos (1982), Fávero *et al* (1999) afirmam que formular um texto não é apenas planejá-lo, mas também realizá-lo, é um processo intencional que se manifesta através de traços na conversação que funcionam como pistas para que o interlocutor atinja a compreensão. A reformulação é um fenômeno constitutivo da oralidade caracterizado pela retomada e reelaboração de um enunciado anterior a fim de garantir a compreensão das intenções dos locutores e interlocutores em meio a uma conversação. As paráfrases, as correções e/ou reparos e alguns tipos de repetição são alguns dos procedimentos pelos quais a reformulação textual se evidencia.

Desse modo, no processo de produção do texto falado é preciso ação e interação. Para os autores, as atividades de formulação surgem em contextos de “problemas” de processamento e linearização decorrentes de “problemas” de formulação que precisam ser resolvidos. Uma dessas atividades são as hesitações que ocorrem “quando o ‘problema’ é captado durante sua formulação/ linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois” (FÁVERO *et al* 1999, p. 56). Seguindo essa mesma corrente, Marcuschi (1986) salienta que as hesitações, também chamadas pausas preenchidas, servem como momentos de organização e planejamento interno do turno conversacional que em alguns momentos funcionam para o ouvinte até mesmo como um pedido de socorro.

Dentre as atividades de formulação, Fávero *et al* (1999) ainda ressaltam as correções, alguns tipos de paráfrases e repetições que ocorrem “quando o ‘problema’ é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação (re + formulare = formular de novo). Estas reformulações apresentam um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior” (FÁVERO *et al* 1999, p. 56). Com relação às correções e reparações, Marcuschi (1986) salienta a alta recorrência desses fenômenos na oralidade dizendo que, diferentemente do que ocorre na escrita cujo texto é passível de edição até sua versão final, na conversação o tempo é real e todas as ações são definitivas. Assim,

nesse processo, são muito usados os recursos da correção. Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos. A esse processo convencionou-se chamar de *mecanismo de correção*; ele funciona também como processo de edição ou auto-edição conversacional e contribui para organizar a conversação localmente (MARCUSCHI, 1986, p.29).

Fávero *et al* (1999) indicam outro critério de diferenciação entre a hesitação e a correção: o estágio de desenvolvimento da formulação/reformulação. Na hesitação constata-se uma interrupção do fluxo informacional, resultado de uma má seleção que faz com que não ocorra a conclusão sintagmática do enunciado. No caso da correção, ela ocorre quando uma má seleção foi efetivada e o enunciado poderia ser considerado concluído sintagmaticamente, mas faz-se necessário sua reformulação. Os autores conceituam a correção como a produção de um enunciado linguístico (enunciado reformulador –ER) que reformula um anterior (enunciado fonte –EF) visto como “errado” para o interlocutor, sendo que a relação semântica que liga os dois enunciados traz uma ideia de contraste.

A partir do *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), Fávero *et al* (1999) elencam os tipos de correção, sua operacionalização, funções e marcas através de uma perspectiva que leva em consideração o papel exercido pela correção na construção da significação do texto. São elencados dois tipos: a *infirmação*, quando há a anulação do enunciado fonte, e a *retificação* em que a correção acontece sem a anulação de uma ou mais partes de um enunciado. Dada essa divisão em dois tipos, os autores examinam os aspectos linguísticos e enunciativos da correção:

Aspectos linguísticos	
Fonético-fonológico	Quando ocorre uma correção de pronúncia ou de articulação.
Lexical	Em que a seleção léxica não era a pretendida e há uma substituição.
Morfossintático	Quando a concordância, a regência, etc. são mal formuladas (má formação da frase).

No que diz respeito aos aspectos enunciativos, eles são evidenciados quando a formulação realizada não era a pretendida, então o locutor reformula sua fala imprimindo-lhe um caráter de subjetividade que se destaca através de elementos modalizadores.

Na análise do fenômeno da correção é importante levar em conta quem tem a iniciativa e quem a processa, o que permite a visualização de três categorias distintas:

Autocorreções auto-iniciadas	É processada pelo próprio falante e pode ocorrer no mesmo turno ou em turno diferente.
Autocorreções hetero-iniciadas	O falante reformula seu enunciado a partir de uma correção feita pelo seu interlocutor.
Heterocorreções auto-iniciadas	O falante, diferentemente da autocorreção hetero-iniciada, inicia a correção que é efetivada pelo interlocutor. Geralmente, esta correção é confirmada no terceiro turno, quando o falante que produziu a inadequação retoma a palavra, aceitando a reformulação feita pelo interlocutor.

No que diz respeito à função, “as correções apresentam a função geral de caráter interacional, no que diz respeito à busca de cooperação, intercompreensão e ao estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores” (FÁVERO et al, 1999, p. 71).

Barros (1999), baseando-se no modelo desenvolvido por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), distingue dois tipos de correções: a reparação e a correção propriamente dita. A reparação é definida como a correção de uma infração conversacional que ocorre quando o falante viola as regras da conversação e essas falhas precisam ser reparadas. A título de exemplo, temos a regra que estabelece a necessidade de haver pelo menos uma troca de falantes na conversação, quando alguém viola essa regra ao não ceder espaço para a fala do outro, o interlocutor precisa encontrar um meio de reparar as longas falas.

Quanto às repetições, Marcuschi (1996) salienta que ela é uma das atividades de formulação mais presentes na oralidade, possuindo um vasto conjunto de funções como a contribuição para a organização do discurso, a manutenção da coerência textual e a organização tópica. O autor a define como “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSCHI, 1992, p.31). De acordo com a perspectiva linguístico-interacional do autor, a alta ocorrência de repetição na conversação se dá pelo fato de que na oralidade o processamento e produção ocorrem em tempo real. Assim como outros procedimentos de produção textual na oralidade, a repetição é um recurso linguístico-pragmático que destina-se a reformulação textual. Marcuschi (1996) ainda salienta que a ocorrência da repetição na oralidade demonstra a forma como o falante compreende a si mesmo. Ao trazer essas reflexões para a linguagem de sujeitos acometidos de lesão cerebral, constatamos que a repetição na fala evidencia um movimento reflexivo sobre a própria linguagem, bem como a tentativa de ser compreendido. Seguindo o mesmo ponto de vista teórico-metodológico dos estudos textuais-interativos, Barros (1995) toma o fenômeno da repetição como uma estratégia de manutenção da compreensão durante a fala.

No que diz respeito aos estudos da repetição no campo da Neurolinguística, temos o trabalho de Viscardi (2012) que estuda as repetições hesitativas na fala de afásicos e não afásicos a partir de suas características prosódicas. Acerca do fenômeno da repetição, a autora salienta que

na literatura afasiológica, as repetições e hesitações são frequentemente entendidas como indicadores do déficit afásico, assim como as pausas e os

alongamentos. Estes elementos são, nos estudos de Afasiologia, usados como parâmetros de avaliação da fluência na fala dos sujeitos afásicos, sendo a capacidade de repetição de palavras produzidas por um interlocutor, por exemplo, um dos pontos aplicados nos testes de avaliação da fala afásica (veja, por exemplo, Rohrer et al, 2008; Moses, Sheard & Nickels, 2007; Dell, Martin & Schwartz, 2007; Miceli, Capasso & Caramazza, 2004; Arbuthnott, 1996; Goodglass & Caplan, 1972) (VISCARDI, 2012, p. 98).

Tagliaferre (2008) em sua dissertação de mestrado estuda as formas e as funções da repetição na fala de dois sujeitos afásicos, refletindo acerca das semelhanças e diferenças do fenômeno na fala de afásicos e não afásicos. O estudo se insere no campo da Neurolinguística a partir da análise do estatuto da repetição da fala de um sujeito afásico com afasia expressiva e outro com afasia receptiva. Esse estudo objetivou verificar a frequência de uso, bem como as formas e funções da repetição para abordar as características desse fenômeno, suas semelhanças e diferenças na linguagem normal e patológica. A autora também destaca a correção como uma estratégia textual-interativa da repetição, acrescentando que embora a repetição seja associada a fenômenos como as parafasias, as perseverações, etc., ainda não há uma inteira definição do estatuto da repetição nas afasias. Os resultados deste estudo mostraram que o afásico se utiliza da repetição de forma plurifuncional assim como o não afásico, ambos repetindo com o intuito de serem compreendidos e de darem sua versão sobre o que é dito.

Durante o acompanhamento longitudinal com o sujeito afásico NS, os investigadores lançaram mão do *prompting* como estratégia de intervenção para formulação da conversação diante das dificuldades de NS para evocar palavras. De acordo com Marinho (2012), o termo *prompting* é utilizado para definir uma situação na qual o interlocutor promove pistas (gestuais, fonológicas, escritas, etc) que funcionam como auxílio para o falante desenvolver a comunicação com maior fluência.

O *prompting* é um fenômeno bastante abordado na área da Fonoaudiologia, entretanto, a conceituação do termo não se apresenta de forma clara e frequentemente aparece na prática clínica de forma intuitiva. Essa estratégia é também encontrada nas atividades de conversação entre sujeitos não-afásicos, proveniente, geralmente de falta momentânea de acesso ao léxico ou dificuldades de memória. Esse fenômeno se apresenta na linguagem não patológica com sequências, na maioria das vezes, mais curtas em sua extensão, mas tanto em afásicos como em não-afásicos o objetivo do interlocutor ao utilizar essa estratégia é atuar de forma cooperativa na conversação (MARINHO, 2012).

No próximo capítulo, serão apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, assim como a descrição acerca dos acompanhamentos e do Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos e informações sobre o sujeito afásico NS.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 O ECOA

O Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO) é um espaço criado em 2011 pela Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio onde a comunidade acadêmica de professores pesquisadores e de estudantes pesquisadores recebe sujeitos afásicos e que funciona no Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Um lugar onde os sujeitos afásicos, familiares e pesquisadores interagem através de práticas sociais de uso da linguagem. As pesquisas com os sujeitos afásicos no ECOA ocorrem através de acompanhamentos individuais e em grupo tendo como base os pressupostos teóricos-metodológicos da Neurolinguística Discursiva.

### 2.2 O sujeito

O sujeito afásico NS tinha 74 anos quando foi internado com quadro de AVC isquêmico de artéria cerebral média esquerda em dezembro de 2013. A ressonância magnética do crânio aponta para achados de RM compatíveis com infarto isquêmico agudo no lobo frontal/opérculo frontal à esquerda. Focos de sinal alterado na substância branca profunda e subcortical, mais provavelmente representando gliose<sup>5</sup> por microangiopatia isquêmica. A tomografia computadorizada do crânio ainda aponta para ausência de fraturas e estruturas da fossa posterior e da linha média sem alterações.

Conforme o relatório fonoaudiológico, o paciente, com histórico de AVC isquêmico, não conseguiu responder com coerência perguntas simples feitas em entrevista, não atendeu aos comandos e muitas vezes realizava repetição do que foi enunciado, para o teste de nomeação o mesmo não identificou nenhuma das figuras apresentadas, como estratégia facilitadora foi dada a primeira sílaba das figuras em questão, contudo o paciente não conseguiu nomear. Com isso, o mesmo se enquadra em afasia anômica<sup>6</sup>, de acordo com o relatório do fonoaudiólogo, necessitando de terapia fonoaudiológica.

---

<sup>5</sup> Miranda (2014) define *gliose* como um termo médico usado para descrever quando alguns pontos pequenos do cérebro, geralmente em áreas mais profundas, recebem pouco oxigênio, glicose e irrigação sanguínea, levando à morte dos neurônios nestes pontos.

<sup>6</sup> “No campo da Neurolinguística e da Neuropsicologia encontramos um sintoma afásico caracterizado pela incapacidade (ou dificuldade) de nomear objetos ou de evocar palavras durante a enunciação. Este tipo de alteração afásica é denominado pelo termo “anomia” que, remetendo etimologicamente ao vocábulo grego “onoma”, significa “sem nome” ou “ausência de nome” (RAJER, 2011, p.10).

Com base na classificação das afasias de Luria, NS apresenta um quadro de afasia dinâmica que resulta de lesões na parte anterior do lóbulo frontal esquerdo até a área pré-motora (unidade III, zona terciária), cujo problema primário seria o impulso da fala.

A partir do acompanhamento longitudinal de maio de 2014 até dezembro de 2015, observamos que NS apresenta dificuldades de escrita e evocação verbal. NS lê em voz alta realizando pausas durante a leitura e sua compreensão está inalterada. Apesar de sua dificuldade em selecionar itens linguísticos, ele não apresenta dificuldades significativas em combinar palavras dentro de uma sentença. De acordo com a classificação de Jakobson (1999), NS apresenta predominantemente dificuldades com o eixo paradigmático da língua, indicando uma afasia de substituição. Em decorrência de sua dificuldade de encontrar palavras, NS se apoia na fala de seu interlocutor através de repetições de palavras e frases do que foi enunciado. A repetição de NS é tomada nesse trabalho como uma atividade de formulação textual. Nossa proposta é trazer a repetição, a correção, entre outros mecanismos de formulação/reformulação textual como uma estratégia de reconstrução da linguagem, e não apenas como indicador de um *déficit* linguístico.

Ressaltamos aqui que NS exercia a profissão de pastor em uma igreja batista o que direcionou as nossas atividades individuais em sua grande maioria com esse sujeito, como veremos na descrição do acompanhamento longitudinal.

### **2.3 O conceito de dado-achado**

O conceito *de dado-achado* se situa no interior do conjunto de teorias e práticas da ND e a partir dele baseamos nossa prática de linguagem com o sujeito afásico. O *dado-achado* postulado por Coudry (1991/1996) é definido como “produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos” (COUDRY, 2008, p. 22-23). Essa maneira de observar dados de linguagem é compatível com o conceito de dado singular delineado por Ginzburg (1986). Os dados-achados se constituem como pistas para que o investigador possa decifrar a maneira pela qual o sujeito afásico reconstrói sua linguagem quando está envolvido em práticas discursivas, convivendo com sujeitos não afásicos e afásicos. As discussões realizadas estão ancoradas em Coudry (2008, p.23) quando afirma que

os dados[ ...]se tornam *achados* pelo olhar teórico que a eles é lançado ao mesmo tempo em que se descortina um *achado* para lidar com as

dificuldades postas pela afasia. O movimento da teoria para o dado e do achado para a teoria tem sido essencial para a ND tratar a relação sujeito/linguagem. Nesse trânsito, descobrem-se modos de operar com os rearranjos possíveis que se apresentam como solução para dificuldades.

Coudry (1996) ainda salienta que quando os dados são construídos na interação, o vínculo formado entre o investigador e o paciente se torna importante para a manifestação do dado. A análise dos dados através dessa perspectiva possibilita que o investigador direcione a reconstrução da linguagem não apenas em função do *déficit*, mas permitindo a articulação entre os níveis linguísticos.

Novais-Pinto e Santana (2002) pontuam que na perspectiva da ND os dados de linguagem são analisados a partir do que está presente nos enunciados do sujeito e não somente a partir do que foi omitido. Dessa forma, visa “explicar os fenômenos afasiológicos de acordo com as alterações lingüísticas mais predominantes (comprometimento dos diferentes níveis lingüísticos), sem recorrer à semiologia clássica ou resignificando os termos cristalizados” (NOVAIS-PINTO & SANTANA, 2002, p. 419).

## **2.4 O acompanhamento longitudinal**

A metodologia da pesquisa é baseada no conceito de *dado-achado* exposto por Coudry e a partir de um acompanhamento longitudinal com um sujeito afásico. A coleta de dados é realizada por meio de cadernos de registro de anotações e transcrições de gravações em áudio desses acompanhamentos realizados semanalmente (individualmente) e quinzenalmente (em grupo) no ECOA. O sujeito afásico NS começou a participar dos encontros no ECOA a partir de maio de 2014, intercalando entre encontros individuais com pesquisadores e em grupo com afásicos e não afásicos. Os dados apresentados neste trabalho foram coletados no período entre novembro de 2014 e dezembro de 2015. Neste período foram realizadas 30 sessões em grupo e 35 sessões individuais. O caderno de registro das sessões auxilia no momento de busca de episódios na medida em que contém as descrições das atividades e observações realizadas pelo pesquisador no momento da interlocução com os afásicos. Para a realização das transcrições dos textos orais utilizamos as normas do Banco de Dados em Neurolinguística (BND) produzido por Coudry, bem como as normas do Projeto Norma Urbana Culta (NURC).

A metodologia consiste ainda no princípio da intervenção que é realizada por meio de leitura, escrita de textos e dramatizações que também funcionam como técnicas de coletas de

dados. A intervenção consiste na interação com o participante na medida em que o investigador assume o papel de interlocutor por meio dessas atividades que são realizadas levando em consideração a história de vida e os interesses do afásico com o intuito de reinseri-lo em práticas sociais de uso da linguagem.

Levando em consideração a história, o fato da leitura está parcialmente preservada e os interesses de NS, inicialmente foram propostas atividades em que o sujeito pudesse ler em voz alta com a ajuda do investigador. Depois das leituras, realiza-se uma discussão sobre a temática do texto para que NS exponha seu ponto de vista sobre o assunto. Entre os gêneros textuais trabalhados com NS, podemos destacar a leitura de fábulas. Por exemplo, as fábulas de La Fontaine, a partir dos textos de Esopo, são exemplos de paráfrases na modalidade escrita que se mostraram importantes ferramentas para direcionar as atividades durante o acompanhamento longitudinal, pois contam uma história que se remete a um texto anterior em que podemos refletir sobre o processo de intertextualidade contido nesse gênero. Levando em consideração o fato de NS se interessar por assuntos relacionados à Bíblia, trabalhamos as parábolas de Jesus juntamente com as fábulas. Parábolas e fábulas possuem muitas características em comum, por exemplo, ambas se utilizam de uma história fictícia para fazer uma analogia com a realidade a fim de transmitir um ensinamento. Esta equivalência entre os dois gêneros também foi explorada durante o acompanhamento.

Segundo a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos necessita de registro na Plataforma Brasil que é uma base nacional de registros de pesquisas para todo o sistema CEP/CONEP. O sujeito participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido afirmando estar ciente e autorizando as gravações em áudio durante o acompanhamento. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB). CAAE: 31945114.8.0000.0055.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, será apresentada a análise e discussão dos dados, bem como o *corpus* com fragmentos de conversação e seus respectivos contextos do momento em que foram extraídos.

#### 3.1 Análise e discussão dos dados

Os dados apresentados a seguir foram coletados a partir de um acompanhamento longitudinal ancorado numa concepção de linguagem que evidencia a ação reflexiva do sujeito afásico em meio a práticas discursivas mostrando, assim, o trabalho linguístico do sujeito e não o que falta, o *déficit* na sua linguagem. Os investigadores estão identificados pelas siglas Ins e Irs e o sujeito afásico como NS.

#### Quadro 1 – Dado - 07/11/2014

Contexto: durante o acompanhamento individual, Ins e Irs estavam lendo a fábula *A cigarra e a formiga* juntamente com NS, em seguida, as investigadoras pedem para NS ler em voz alta o título da fábula. NS começa a ler, depois que NS realiza a leitura e após uma longa pausa, ele se dirige à Ins e fala a palavra “praga”.

A partir do contexto em que a fala de NS está inserida e a leitura previamente realizada por ele, podemos inferir que NS quis dizer que tanto a formiga quanto a cigarra são pragas. O dado nos mostra que o sujeito afásico encontrou uma maneira alternativa de se expressar. Como visto anteriormente, para Luria (1987), a palavra não gera apenas a indicação de um objeto em particular, mas inevitavelmente provoca o aparecimento de uma série de enlaces “que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc.” (LURIA, 1987, p35). Não conseguindo realizar uma sentença completa, NS ressignifica as palavras “formiga” e “cigarra” através da geração de um enlace com a palavra “praga”.

O sentido de “praga” atribuído a esses animais por NS não estava contido no texto. Isso mostra o *trabalho com a linguagem* (FRANCHI, 1992) realizado por NS, através da *associação* (FREUD, 1891 [1973]) feita por ele. PN associou seu conhecimento de mundo à *atividade epilinguística* realizada pelas investigadoras, o que possibilitou a expressão de sua subjetividade.

Quadro 2 – Dado -21/11/2014

Nº	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	então, quem disse pra repartir os bens foi o filho ou o pai?		
2	NS	do fai... do filho	NS responde após uma breve pausa	
3	Irs	isso, muito bem		
Recorte				
4	Irs	isso aqui mostra o que? que ele... se arre...	A investigadora pergunta sobre a situação de um dos personagens da história.	
5	NS	..pendeu		
6	Irs	i:sso		
7	Irs	então, é igual a história que a gente leu?	Após assistir a um vídeo da história lida, a investigadora pergunta sobre a semelhança entre o vídeo e o texto.	
8	NS	eh:...ah:....		
9	Irs	então, aqui fala de novo, né, do pai e do?		
10	NS	eh... filho		
11	Irs	i:sso... muito bom		

Contexto: a investigadora Irs inicia a leitura da “Parábola do filho pródigo” juntamente com NS, intercalando a leitura com perguntas e comentários acerca do texto.

No turno 2, NS realiza uma autocorreção auto-iniciada ao responder a pergunta da investigadora “... do filho ou do pai?”, querendo dizer a palavra *filho*, ele fala “do fai” e, no mesmo momento, sem necessitar da intervenção da investigadora, percebe o seu equívoco e reformula sua fala dizendo “do filho”. Esse fenômeno linguístico nos permite observar a reflexão sobre a própria linguagem feita por NS, mostrando que o sujeito afásico age *com* e *sobre* a linguagem (COUDRY, 2002).

Segundo Fávero *et al* (1999), as correções ocorrem quando o “problema” é percebido após sua formulação, e, então, é formulado novamente. É um processo intencional que objetiva garantir a intercompreensão. Portanto, constatamos que NS capta o “problema” de

sua fala anterior e com o intento de fazer com que seu enunciado seja entendido, ele retoma seu enunciado e responde corretamente a pergunta da investigadora.

**Quadro 3 – Dado -05-12-2014**

Nº	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	o que que você conseguiu entender...assim.. do vídeo?		
2	NS	eh:... um:...um:...um:... pou...um pouco		
Recorte				
3	Irs	então... na hora que o leão tava amarrado quem foi que chegou?	A investigadora estava lendo a história e interrompe a leitura para fazer uma pergunta para NS	
4	NS	eh:...		
5	Irs	o.... ra....		
6	NS	o:...ra...to		
7	Irs	isso...		
Recorte				
8	Irs	então... nenhum ato de gentileza é coisa vã...concorda com isso?	Neste momento, a investigadora lê e discute a moral da história para NS	
9	NS	concorda com isso	Falando em tom de voz baixo	
10	Irs	então qual foi a principal lição dessa história? foi a ... gen...		
11	NS	...tileza	NS responde após uma breve pausa	
12	Irs	isso...		
Recorte				
13	Irs	então...depois a gente vai fazer mais atividades de leitura e escrita...viu	No final do acompanhamento, a investigadora explica para NS	

			que acabou a atividade e que haveria outras atividades envolvendo a leitura e a escrita.	
14	NS	eu:...v...ou...que.. .querer ler... eh...li		
15	Irs	isso... você vai ler....		

Contexto: neste acompanhamento, assistimos a um vídeo de uma animação da fábula “O leão e o rato” e realizamos a leitura da mesma história.

O turno 2, “eh:... um:...um:...um:... pou...um pouco”, mostra o processo de formulação da enunciação de NS para responder a pergunta realizada pela investigadora. A ocorrência de hesitações e as repetições do item “um” demonstram o planejamento e a verbalização ocorrendo simultaneamente, processo de construção da fala de NS. As hesitações evidenciam que “a fala não é uma matéria de regurgitação de materiais já estocados na mente em forma linguística, mas é um ato criativo, relacionando dois meios, pensamento e linguagem, que não são isomórficos, mas requerem ajustes e reajustes mútuos” (CHAFFE, 1985, p.78 *apud* FÁVERO, L. *et al*, 2003).

No turno 3, Irs pergunta para NS acerca da história que acabam de ler, NS tenta responder e no turno 4 fala “eh:...”. Diante da dificuldade do sujeito, a investigadora realiza uma pista articulatória no turno 5, “o.... ra...”. Então, NS consegue responder corretamente no turno 6, “o:...ra...to”, mostrando sua compreensão da história e engajamento na atividade realizada. Durante o acompanhamento, o *prompting* se revelou como uma importante estratégia de intervenção do investigador na reconstituição da linguagem de NS e manutenção da progressão textual durante a conversação.

No turno 9, “concorda com isso”, NS realiza uma repetição do enunciado dito anteriormente pela investigadora na tentativa de responder a pergunta dirigida a ele. Levando em consideração o contexto, infere-se que NS quis responder que também concordava com a moral da história que estava sendo lida. A repetição é tomada aqui como um processo intermediário, um caminho alternativo que é realizado pelo sujeito afásico para a autonomia.

Quadro 4 – Dado - 20/03/2015

	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	o (homem) que recebeu dois talentos duplicou, ou seja né, tinha dois e transformou em?... qua...		
2	NS	quatro ... quatro talentos	PN responde após uma longa pausa	
3	Irs	isso...		
4	Irs	quem são os três homens da história que a gente acabou de ler? ...são filhos, servos ou netos?	A investigadora realiza um quiz sobre o texto que acabou de ser lido	
5	NS	servos...servos		
6	Irs	isso...muito bem		
7	Irs	vamos para a próxima, o que um dos servos fez para esconder seu talento? escondeu em sua casa, jogou em um rio ou enterrou?	A investigadora realiza outra pergunta	
8	NS	seu... seu...seu: casa...é seu casa		
9	Irs	não, ele não escondeu na casa, ele enterrou, mas se ele tivesse se escondido, você acha que seria uma atitude correta? ...não né		
10	NS	porque correto... porque correto... porque correto... eh:...		
11	Irs	correto... é? ... utilizar o talento né? Então a resposta certa era?		
12	NS	Enterrou		
13	Irs	isso...		

Contexto: no dado a seguir, a investigadora realiza uma atividade de perguntas e respostas sobre o texto “A parábola dos talentos” lido juntamente com NS.

O dado 6 evidencia a maneira como NS se comunica com seu interlocutor driblando suas dificuldades linguísticas. Podemos perceber que ele recupera algumas palavras da fala de seu interlocutor e a utiliza como suporte para a construção da sua fala, por exemplo, no turno 10, NS retoma a palavra “correta” da frase “você acha que seria uma atitude correta?” dita pela interlocutora e a insere na expressão “porque correto”. Estratégia também utilizada no turno 8, quando NS retoma a expressão “sua casa” da fala da investigadora e diz “seu...casa” como resposta a pergunta realizada. Dessa forma, NS responde corretamente a pergunta

realizada por Irs, interagindo e mantendo o tópico conversacional. Nessa situação de interlocução, o afásico produz novos trajetos para se expressar que “se apresentam como uma relação não oficial, um *gato* que recupera o velho” (COUDRY, 2008, p.13).

A fim de relacionar os dados obtidos com a avaliação descrita no relatório fonoaudiológico, retomamos algumas considerações presentes no documento. É exposto no relatório que NS não respondia perguntas simples e realizava com frequência repetição do que foi enunciado. A partir dos acompanhamentos realizados no ECOA, hipotizamos que para driblar sua dificuldade de evocação, NS utiliza palavras ou frases oriundas fala do interlocutor na tentativa de construir seu enunciado. Portanto, nossa proposta foi evidenciar que a repetição, entre outras atividades de formulação, realizada pelo sujeito não é apenas um indicador de um *déficit* linguístico decorrente da afasia, mas que para NS, esse fenômeno linguístico se tornou um caminho encontrado para reconstruir sua linguagem.

No relatório fonoaudiológico consta que, durante um teste de nomeação, o sujeito não identificou nenhuma das figuras, a fonoaudióloga, então, fez uso do *prompting* como estratégia, contudo não obteve sucesso. Entretanto, durante os acompanhamentos no ECOA, o uso da primeira sílaba de uma palavra como pista se mostrou eficaz, como mostram os dados. Assim, observamos que em meio a atividades significativas que levem em consideração a história e os interesses do sujeito afásico, o uso do *prompting* pelo interlocutor possibilitou que NS realizasse associações e assim, evocasse a palavra alvo.

**Quadro 5 - Dado - 17-04-2015**

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	NS	ah...e:u: (15s) uve...	Após o término da música, NS começa a falar.	
2	Irs	you ouviu?		
3	NS	eu ouviu		
4	Irs	eu ouvi ...		
5	NS	eu ouvi		
6	Irs	Isso		
7		já ouviu...né... não ta lembrando onde né... mas lembra que ouviu em algum lugar... você lembra também de ter ouvido na igreja, é isso?		
8	NS	hum...		
9	Irs	Você já ouviu aqui... agente já tocou ela antes... também ouviu na igreja?		
10	NS	ouvi na:...		
11	Irs	ouviu onde?		

12	NS	ouvi da igreja		
13	Irs	hum... bom, esse hino fala sobre a?...ceia...tudo isso tem uma simbologia né... quando agente come o pão na ceia.... a gente tá querendo representar o?...corpo .... de....		
14	NS	Cristo		
15	Irs	isso...muito bem... e o vinho?...cê lembra o que que representa? representa o san....		
16	NS	gue: sangue		
17	Irs	i:sso..... representa o sangue, tá vendo...tá lembrando		

Contexto: a partir da convivência com NS no ECOA, a investigadora constatou que uma de suas canções favoritas é a música intitulada “Vem cear”. Assim, foi proposto nesse acompanhamento a escuta da música para que fosse feita uma reflexão acerca da letra.

Após escutar a música, NS se dirige à investigadora e fala “ah...e:u:.. uve...” no turno 1. Pelo fato de já terem escutado a música anteriormente, Irs hipotetiza que NS queria falar que já ouviu a música. A investigadora então pergunta “você ouviu?”. NS toma o turno e responde: “eu ouvi”, mostrando que era o que ele pretendia falar ao retomar o verbo “ouvir” (apesar de conjugá-lo na terceira pessoa) dito pela interlocutora e inserir o pronome “eu” na sua fala. A investigadora então diz “eu ouvi” (turno 4) na intenção de que NS reformule sua fala pelo fato de ter dito “uve” e ouviu” nos turnos anteriores. NS compreende a necessidade de reformulação de seu enunciado e diz “eu ouvi” no turno 5 realizando, assim, uma autocorreção hetero-iniciada de aspecto fonético-fonológico (uve) e morfossintático (ouviu). Assim, podemos constatar que os procedimentos de formulação do texto falado podem funcionar como um *processo intermediário* (ABAURRE; COUDRY, 2008) cuja função é de reconstruir a linguagem de sujeitos afásicos.

Em seguida, a investigadora pergunta NS acerca da simbologia do pão e vinho contida na música. No turno 14, NS responde “Cristo” e no turno 16 fala “gue: sangue” a partir do *prompting* “san” dito por Irs. . Para Freud, não se pode diferenciar *percepção* e *associação* que são duas palavras que designam o mesmo processo. Propor uma atividade relacionada à história de vida do sujeito abriu espaço para a expressão da subjetividade do afásico. Essa percepção adquirida através da atividade possibilitou a NS a realização de associações com lembranças anteriormente vivenciadas, ao mesmo tempo em que evidenciou a sua capacidade de compreensão e realização de metáforas.

**Quadro 6 – Dado - 21/07/2015**

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	bonito(o hino) né?		
2	NS	ah.... no...ta... do e.... a nota... do e....nota		
3	Irs	a nota do hino?		
4	NS	nota no hino	Tom afirmativo	

Contexto: Sabendo que NS gosta de escutar música e cantar, a investigadora sugere a música “Alvo mais que a neve” para a realização de uma atividade de reflexão sobre a letra da música.

Depois de escutar a música, o sujeito afásico NS direciona-se para a investigadora e diz “ah.... no...ta... do e.... a nota... do e....nota” no turno 2, dado que evidencia seu processo de construção da enunciação durante a interação. A palavra “nota” não havia sido dita anteriormente nem pela investigadora nem pelo afásico e não estava presente na letra da música. Dada a história de NS, sua possível relação com a música dentro do ambiente religioso ao qual ele participava e pelo fato de terem acabado de escutar uma música, a investigadora infere que NS esteja referindo-se à temática “nota musical”. Em seguida, RS repete “nota do hino”, no turno 4, em tom afirmativo que foi entendido como uma confirmação de sua intenção comunicativa. Dessa forma, evidenciamos o importante papel exercido pela interação na reconstrução da linguagem de RS, a partilha de conhecimentos mútuos e a reflexão sobre a vida e interesse do sujeito afásico foram fundamentais para o processo de intercompreensão e manutenção do tópico discursivo.

Para Jakobson (1954), toda unidade linguística funciona a partir da comparação com as unidades semelhantes (eixo sintagmático) e através do relacionamento com as unidades coexistentes (eixo paradigmático). Dessa forma, podemos constatar que para enunciar “ah.... no...ta... do e.... a nota... do e....nota”, NS recorre ao eixo paradigmático para selecionar morfemas. Já, para combiná-los formando a palavra “nota”, evoca o eixo sintagmático. Segundo Novaes-Pinto e Santana (2009), a Neurolinguística Discursiva rediscute a noção da divisão da classificação das afasias em dois grandes grupos, visto que seleção e combinação são fenômenos intimamente ligados. Embora a principal dificuldade de

NS reside em evocar palavras, o que o levaria a recorrer predominantemente ao sintagmático, percebe-se a ocorrência tanto de seleções quanto de combinações.

**Quadro 7 – Dado - 21/07/2015**

<b>Turno</b>	<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais</b>
1	Irs	esse foi o tema do vídeo ...o que é um amigo de verdade...porque a gente passou esse vídeo ...porque ontem né... foi o...dia do...		
2	NS	do... do...do verdadeiro		
3	Irs	do verdadeiro o que?... a...		
4	NS	verdadeiro... verdadeiro		
5	Irs	verdadeiro amigo		
<b>Recorte</b>				
6	Irs	isso também faz a gente lembrar que... na Bíblia fala que a gente tem um verdadeiro amigo né... na Bíblia fala que nosso verdadeiro amigo é?		
7	NS	...	NS fica em silêncio após a pergunta da investigadora	
8	Irs	Je:		
9	NS	sus		
10	Irs	isso		
11	NS	Jesus...verdadeiro...amigo... na..ham...ham...ham...é verdadeiro amigo...Jesus		

Contexto: Durante o acompanhamento, a investigadora e NS assistiram a um vídeo sobre o tema “dia internacional do amigo” que foi comemorado no dia 20 de julho, dia anterior ao acompanhamento.

No turno 2, NS realiza uma reformulação quando diz “do... do...do verdadeiro” a partir da palavra “verdade” dita no turno anterior pela investigadora. Esse dado evidencia a ação e reflexão do sujeito afásico com a linguagem. No turno 6, a investigadora propõe uma relação

da temática do vídeo assistido anteriormente com uma temática de interesse de NS e realiza uma pergunta para ele. Não conseguindo responder, Irs evoca uma pista articulatória “Je:”, no turno 8, e logo após NS consegue chegar a palavra alvo. No turno 11, NS formula seu enunciado a partir das palavras “verdadeiro” e “Jesus” ditas por ele nos turnos anteriores e através da interação com a investigadora.

**Quadro 8 – Dado - 25-09-2015**

Turno	Sigla	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	Essa parte aqui oh...mostra o que.... ele destruindo a natureza pra construir...prédio... toda a questão do dinheiro...por causa do dinheiro... o que que você acha disso?		A investigadora aponta para o vídeo.
2	NS	ah...éh...lisso...disso		
3	Irs	por causa do dinheiro		
4	NS	era...era		
5	Irs	por causa do dinheiro o homem...destruiu a?		
6	NS	eh... a vida		
7	Irs	isso... por causa do dinheiro o homem destruiu a vida... e destruiu mais o que além da vida?		
8	NS	a... vida... a vida era... destruiu		
9	Irs	destruiu a vida e também... a natureza		
10	NS	vida (5s) a no... no...no...natureza...eh...era		
11	Irs	a natureza era... antes do homem destruir a natureza... o que que a natureza era?... cheia de vida né...		
12	NS	cheio... de vida...		
13	Irs	isso.. a natureza era cheia de vida		
14	NS	de vida... era cheio de vida...era cheio de vida...		
15	Irs	isso... a natureza era cheia de vida né...muitos animais		
16	NS	era cheio... era...ham..cheio de vidas		

Contexto: após assistir a um vídeo sobre os danos que o homem tem causado a natureza, a investigadora começa a comentar com NS sobre a temática do vídeo.

As hesitações de NS (no turno 2, ah...éh...liso...disso) demonstram sua tentativa de responder a pergunta realizada pela investigadora. Na tentativa de continuar seu turno, ele retoma o item linguístico “disso” dito anteriormente pela investigadora. Mesmo não conseguindo responder a pergunta, esse dado nos mostra que NS está consciente do processo da dinâmica da fala ao compreender que a investigadora realizou uma pergunta e em seguida tomar o turno conversacional. NS realiza uma autocorreção auto-iniciada ao evocar “liso” e depois de uma breve pausa realizar “disso”, mostrando assim, que está refletindo sobre sua própria linguagem.

No turno 5, ao realizar a pergunta “por causa do dinheiro o homem...destruiu a?”, a investigadora esperava como resposta “a natureza”, pois era a palavra até então utilizada para se referir a temática do vídeo. NS então responde “eh... a vida”. Isso mostra que NS associou a temática “natureza” com “vida”, evidenciando sua percepção acerca do que está sendo proposto pela investigadora. Assim, podemos inferir que, ao selecionar uma palavra (vida) pertencente ao mesmo campo semântico de “natureza” para esse contexto, NS aliou sua percepção e associou a uma palavra com significado semelhante para esse contexto, aliando percepção e associação que para Freud são dois termos indissociáveis que descrevem diferentes aspectos de um mesmo processo.

No turno 16, NS repete “era cheio... era...ham..cheio de vidas” a partir da interação e do que foi dito pela investigadora. Chamamos atenção para o fato de NS reformular a palavra “vidas”, no plural, a partir da palavra “vida” dita pela interlocutora mostrando, assim, que ele não está repetindo aleatoriamente, mas utiliza o enunciado de seu interlocutor para formular sua fala. A repetição de um item ocorre para dar continuidade ao tópico discursivo em desenvolvimento, evidenciando o processo de construção coletiva dos interlocutores. Dessa forma, NS se apropria dos procedimentos de formulação como estratégia de reconstrução da sua linguagem.

**Quadro 9 – Dado - 02/10/2015**

<b>Turno</b>	<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais</b>
1	Irs	aqui oh... “um precisa do outro” ...	A investigadora aponta para o texto	

		não é isso? e mais o que? O que que a formiguinha teve no final?	escrito durante a leitura	
2	NS	a.. fé..		
3	Irs	: isso...a fé... a fé em quem... em...		
4	NS	em quem... fé...		
5	Irs	em Deus né...		
6	NS	Deus		
7	Irs	isso		

Contexto: Após a leitura da fábula “A formiguinha e a neve”, iniciou-se uma discussão sobre os ensinamentos que a história poderia proporcionar.

Neste dado, chamamos a atenção para o fato de NS incluir o tema “fé” como uma nova possibilidade de moral para a história a partir de seus conhecimentos prévios e sua vida diretamente envolvida com o tema da religião antes do acometimento do AVC. Dessa forma, a realização de uma intervenção com atividades contextualizadas considerando a subjetividade é de fundamental importância para o processo de reconstrução da linguagem e reinserção social. Neste dado que foi coletado após um ano e cinco meses da entrada de NS no ECOA, podemos constatar uma mudança na sua linguagem. Assim que foi perguntando, ele prontamente respondeu sem recorrer à fala de seu interlocutor para formular seu discurso, acrescentando, ainda, novos temas ao diálogo.

**Quadro 10 – Dado - 03/11/2015**

<b>Turno</b>	<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais</b>	<b>Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais</b>
1	Irs	a vacinha que era o único sustento dele... cê lembra o que aconteceu com a vaca?		
2	NS	hum...que:		
3	Irs	o que aconteceu com a vaca?		
4	NS	que:		
5	Irs	ca:		
6	NS	que... que...		
7	Irs	a vaca ca:		

8	NS	ca...cai:u		
9	Irs	isso...muito bem		

Contexto: Neste acompanhamento, realizamos, dentre outras atividades, a leitura da história “O homem e a vaquinha”.

Este dado evidencia novamente a importância do *prompting* como uma estratégia realizada pelo interlocutor na tentativa de sanar as dificuldades linguísticas de um afásico. No turno 8, observamos que NS consegue chegar a palavra alvo “caiu” através da pista articulatória “ca” dada por Irs no turno anterior. Chamamos atenção também para o fato de NS ter evocado o verbo no passado, o que condiz com o contexto de estarmos falando sobre fatos ocorridos numa narrativa lida anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva, buscamos evidenciar que apesar das dificuldades linguísticas decorrentes de uma lesão cerebral, o sujeito afásico dispõe de alternativas e novos caminhos para interagir. A partir desta proposição, elaboramos as seguintes perguntas: (i) Quais são as estratégias linguísticas utilizadas pelo sujeito afásico para driblar sua dificuldade de enunciação? (ii) Qual o papel de uma intervenção discursivamente orientada no processo de reconstrução da linguagem?

As hipóteses levantadas se confirmaram na medida em que os procedimentos de formulação textual emergiram como estratégias e desempenharam uma importante função no processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico, visto que é uma atividade interativa e colaborativa. As correções, as hesitações e as repetições são fenômenos típicos da oralidade e exercem um importante papel no processo de construção do texto falado. Para NS, esses procedimentos se mostraram como um dos principais recursos de elaboração das etapas de construção de sua fala. Os dados mostraram que o sujeito afásico reconstrói a sua linguagem através do estabelecimento de enlaces (Luria 1987), associações (Freud 1891 [1973]), seleções e combinações (JAKOBSON, 1999) que geram novas formas de produção do discurso, possibilitando que a interação seja estabelecida.

A ocorrência de procedimentos de formulação textual na linguagem de sujeitos afásicos demonstra que o sujeito é capaz de refletir sobre a própria linguagem quando repete a fala do interlocutor e a insere em outro turno conversacional com uma intenção comunicativa diferente, retoma a própria fala para se corrigir ou reiterar um enunciado, bem como a ocorrência de hesitações em sua fala demonstra o processo de produção da enunciação.

As intervenções realizadas pelos pesquisadores através das atividades realizadas no ECOA possibilitaram a inserção do sujeito nas mais variadas práticas sociais de uso da linguagem, bem como viabilizou ao afásico o exercício de sua subjetividade pela linguagem na medida em que ele constrói enunciações e constitui-se através delas. A partir de Vygotsky (1989), tomamos o investigador como mediador para a construção da significação na interação. A retomada da fala do interlocutor por NS, o uso do *prompting* pelo pesquisador evidenciaram o importante papel da mediação do outro para a reconstrução da linguagem na afasia.

Esta dissertação buscou contribuir social e cientificamente. No que tange ao aspecto social, houve a interação entre o participante com o pesquisador, um tipo de inclusão e uma possibilidade de evitar o isolamento social. Para a área de Neurolinguística, a relevância

esteve na possibilidade de estudar os procedimentos de formulação/reformulação textual como uma possibilidade de estar agindo *com* e *sobre* os recursos linguísticos.

Desse modo, este trabalho dá margem ao desenvolvimento de novos questionamentos no sentido de investigar a possibilidade da emergência de novas estratégias de formulação textual, bem como se há a predominância de um procedimento de formulação textual sobre outro e sua relação com os tipos de afasia.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M.I. H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua (gem)**. Vitória da Conquista, UESB, 2008.
- ANTOS, G. **Grundlagen einer Theorie des Formulierens**. Tübingen, Max Niemeyer, 1982.
- ANDRADE, M, L, F. Neurolinguística discursiva: alguns pressupostos teóricos e metodológicos. **Web Revista Discursividade**, Mato Grosso do Sul, n.7, p. 1-17, 2010.
- ANNUNCIATO, N. Plasticidade Neuronal e Reabilitação. In: **Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp), 1995. v. 4.
- BARROS, D. L. P. de . Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**. Vol. I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CHAFE, W. Some reasons for hesitating. I: TANNEN, D. & M. SAVILLE-TROIKE (eds.). **Perspectives on silence**. Norwood, New Jersey, Ablex, p. 77-89.
- COTA, I. **O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes. 1988.
- \_\_\_\_\_. O que é dado em neurolinguística. In: **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas. SP: Editora fa Unicamp. 1996.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002.
- Coudry, M. I. H.; Freire, F.M.P.; Gomes, T.M. Sem falar, escrever e ainda sujeito da linguagem. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 35, 1375- 1384, 2006.
- COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. In: **Estudos da Língua (gem)**. Vitória da Conquista, UESB, 2008.
- COUDRY, M. I. H.; et al. (Orgs.). **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, 399 p.
- \_\_\_\_\_. M. I.; FREIRE, F. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. et al. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. 10 anos de Neurolingüística no IEL. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas. n. 32, p. 09- 23.1997

FÁVERO, L., ANDRADE, M. L. & AQUINO, Z. Correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H de M. M., (Org.) **Gramática do Português Falado**. vol. 7, 53-76. São Paulo: FAPESP/Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo. Editora Cortez, 2003.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 22, 1992, p. 9-39. Texto original: 1977.

FREUD, S. (1891) **A interpretação das afasias**. Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

KAGAN, A.; SALING, M.M. **Uma Introdução à Afasiologia de Luria – Teoria e Aplicação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1999. Edição original 1954.

\_\_\_\_\_. A afasia como um problema linguístico. In: Lemle M.; e Leite, Y. (Org.). **Novas Perspectivas Linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970. p.43-54. Edição original 1955.

LURIA, A.R. Fundamentos de Neuropsicologia. São Paulo, EDUSP, 1974 [1949].

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática, 1986

MARCUSCHI, L. A Gêneros textuais, definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. 2a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

\_\_\_\_\_. Repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado-Desenvolvimentos**. 2 ed.rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 105.141. (Série Gramática do Português Falado, volume VI).

MARINHO, J. S. **O prompting e suas funções linguístico-interacionais nas afasias**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MORATO, E. Neurolinguística. In: **Introdução à Linguística II: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referenciada dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: v. 41, p. 55-74, 2001.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. O. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 413-421, 2009.

NOVAES-PINTO, R. do C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

OLIVEIRA, C. E. N. Fatores ambientais que influenciam a plasticidade do SNC. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v.8, n.1, p. 6-13, 2001.

RAJER, F. **A realidade semiológica da anomia**. Dissertação de mestrado em Linguística. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

ROLIM, C. L. C.; MARTINS, M. Qualidade do cuidado ao acidente vascular cerebral isquêmico no SUS. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 2011.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E., JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn talking for conversation, In: **Language**, 50, 696-735, 1974.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia**: O Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma comunidade de fala. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. O centro de convivência de afásicos em foco. **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v.6, n.2, p. 67-96, 2008.

SAUSSURE, F. (1916). **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.  
SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da Linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

TAGLIAFERRE, R. C. S. **Formas e funções da repetição no contexto das afasias**. Dissertação de mestrado em Linguística. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

THOMPSON C.K. neuroplasticity: evidence from aphasia. **Journal of communication disorders**, 33, 4, 357-366. 2000.

VISCARDI, J.M. Repetições hesitativas em fala afásica e não afásica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: v. 54, p. 97-115, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Edição original: 1934).

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## ANEXOS

## ANEXO A – Modelo de Registro de Transcrição

**Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)**

## Modelo de Registro

O BDN é formado por: um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no grupo II do CCA e certas especificidades da linguagem patológica.

A fim de padronizar o registro dos dados foram criadas, para o BDN, uma série de “regras”.

**1)Tabela**

É composta por 6 colunas: Código de Busca, Numeração dos enunciados, Sigla do Locutor, Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

**\*Coluna Código de Busca:**

É usada a seguinte notação:

<b>Código</b>	<b>Finalidade</b>
\tom	Entonação utilizada pelo falante
\TF	Transcrição Fonética
\her	Hesitação, repetição
\top	Topicalização sintática
\neg	Enunciado negativo
\ins	Inserção
\aí	Aí, daí, então
\né	
\tá	
\rir	Risos/humor
\int	Introdução de opinião
\lei	Leitura em voz alta
\com	Comparação
\esc	Escrita
\:	Alongamento vocálico
\imp	ordem, pedido
\ /	Pausa breve
\ //	Pausa longa
\ ?	pergunta
\ !	Exclamação

**\* Coluna Sigla do Locutor**

Os sujeitos devem ser identificados por uma sigla (de 2 letras e em maiúsculo) que é formada a partir da primeira letra de seu nome e a primeira de seu sobrenome. Exemplo : CF = Ceumara Fernandes

Já o investigador é identificado por uma sigla de 3 letras, na qual a primeira será a letra “i” (Investigador) em maiúsculo e as duas seguintes as primeiras letras do nome e sobrenome em minúsculo. Exemplo: Imc = Investigadora Maria Coudry

**\*Coluna Transcrição**

Espaço destinado para registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e investigadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: a transcrição fonética (utilizando os caracteres do IPA) e a transcrição simples ou ortográfica.

**\* Colunas de Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais**

Espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito mas **como foi dito**. Engloba observações acerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc.).

Além de observações sobre os gestos (não-verbais).

2) Outras marcações:

\* Marcação de ênfase ou acento mais forte que o habitual -----> a transcrição do enunciado é feita em letras maiúsculas.

\* Marcação de alongamento de vogal -----> usa-se dois “pontos” após a vogal alongada (:)

\* Marcação de Silabação -----> usa-se hífen indicando a silabação. Exemplo: A – DO- REI.

Tabela de transcrição Projeto Nurc

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu	(...)	(...) nós vimos que existem...

início, por exemplo.		
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	""	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"....

■ \* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n. 338 EF e 331 D2

**ANEXO B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Raiane Silva Souza

Prezado (a) senhor (a)

Eu sou Raiane Silva Souza e estou realizando juntamente com a professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários-DELL, da UESB-VC o projeto de pesquisa chamado “*Estratégias linguísticas e extralinguísticas utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação*”.

O objetivo geral deste projeto é analisar e descrever quais são as alterações linguísticas decorrentes da afasia e como essas alterações afetam a vida sujeito afásico. Assim como também buscamos investigar como o participante acometido por essa patologia pode reconstruir a sua linguagem e se reinserir no convívio social.

Convido você a participar deste projeto, pois esta pesquisa poderá contribuir para a investigação de recursos e alternativas para a observação e o tratamento dessa alteração de linguagem, assim como colaborar com a elaboração de instrumentos adequados para o acompanhamento de um afásico. Sua participação é voluntária e consistirá em participar dos acompanhamentos longitudinais realizados pelos pesquisadores. O participante da pesquisa pode estar sujeito a um desconforto durante o acompanhamento, tal como cansaço que será resolvido, assim que detectado pelo pesquisador, através da mudança de atividade ou método de realização do acompanhamento. Todo esse processo ocorrerá após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao participar desta pesquisa, você não será identificado (a), permanecendo em anonimato e poderá retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer nenhum prejuízo. Esta pesquisa também não traz gastos financeiros para você, nem qualquer forma de ressarcimento ou indenização financeira por sua participação. Além disso, sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e, caso não deseje participar da mesma, sua vontade será respeitada. Os dados dessa pesquisa serão arquivados pelas pesquisadoras por cinco anos.

Você pode solicitar esclarecimentos em qualquer etapa da sua participação na pesquisa. Tais esclarecimentos podem ser obtidos com Raiane Silva Souza através do e-mail [raianes.souza@hotmail.com](mailto:raianes.souza@hotmail.com) ou do telefone (77) 8867-4507 e com a Profa. Dra. Nirvana

Ferraz Santos Sampaio através do e-mail [nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br) ou do telefone (77) 3425-9390.

Se você aceitar participar desta pesquisa, precisará assinar o TCLE em duas vias (uma via ficará com você e a outra ficará com a pesquisadora). Em caso de dúvida, você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) pelo telefone (73) 35289727, pelo e-mail [cepuesb.jq@gmail.com](mailto:cepuesb.jq@gmail.com), ou no seguinte endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequezinho, Jequié – Bahia. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que analisa os projetos de pesquisa quanto a seus aspectos éticos.

\_\_\_\_\_ - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Participante

**ANEXO C (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS)**

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Raiane Silva Souza e Nirvana Ferraz Santos Sampaio do projeto de pesquisa intitulado “Estratégias linguísticas e extralinguísticas utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação” a realizar as fotos ou gravações em áudio/vídeo que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos), gravações em áudio/vídeo e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Vitória da Conquista - BA, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto